

Entre *Esperança* e *Apologia*: Paratextualidade na análise de impressos de Menasseh Ben Israel (1649-1650)

Luís Filipe Silvério Lima

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Departamento de História, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Guarulhos, SP, Brasil.

lfslima@unifesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-5924-5382>

Between *Esperança* and *Apologia*: Paratextuality in the Analysis of Menasseh Ben Israel's Printed Works (1649-1650)

Resumo: A análise dos paratextos e a comparação entre edições e versões de *Esperança de Israel* (1650) e *Apologia por la noble nación de los Judios* (1649) podem esclarecer a atuação do rabino Menasseh Ben Israel e suas relações com os milenaristas cristãos entre as décadas de 1640 e 1650. O cotejo dos exemplares existentes indica uma coordenação editorial, pois além dos elementos tipográficos indicarem terem saído da mesma prensa, não é raro encontrar a *Apologia* encadernada após *Esperança*. A partir de uma análise fundada na paratextualidade, propomos ler *Apologia* como um paratexto de *Esperança*. Se assim for entendido, o debate historiográfico sobre as intenções de Menasseh com *Esperança* ganha novos contornos.

Palavras-chave: Menasseh Ben Israel; Paratextualidade; Impressos.

Abstract: A comparative analysis of the paratexts and editions of *Esperança de Israel* (1650) and *Apologia por la noble nación de los Judios* (1649) can shed light on the work of Rabbi Menasseh Ben Israel and his relations with the Christian millenarianists between the 1640s and 1650s. A comparison of the extant copies indicates the presence of editorial coordination, as evidenced by the

presence of similar typographical elements indicating that they originated from the same printing press. Furthermore and more importantly, it is not uncommon to find codices in which *Apologia* is bound subsequent to *Esperança*. The present analysis, grounded on the concept of paratextuality, suggests that *Apologia* functions as a paratext of *Esperança*. From this perspective, the historiographical debate regarding Menasseh's intentions towards *Esperança* will take on new contours.

Keywords: Menasseh Ben Israel; Paratextuality; Printed works.

Na acepção fundacional de Gérard Genette, paratexto é aquilo que, ao mesmo tempo, delimita (como uma fronteira) e abre (como uma porteira) o texto.¹ Como tal, tem sido estudado para se entender ou clarificar obras, podendo, como defendemos, ter bons rendimentos para elucidar questões de história intelectual, em geral, mais presa ao texto. Entretanto, parece-nos que seria importante ultrapassar a circunscrição da edição textual (e paratextual). Olhar para o artefato e os aspectos materiais de um texto, pensando-o como documento, pode estender os limites do paratexto (e do texto) e ajudar a pensar como um livro, um discurso ou, enfim, um texto eram concebidos, distribuídos e recebidos em seus contextos de produção e, inclusive, quais as intenções dessa produção. Um exemplo de como podemos discutir esse valor paratextual do artefato está no folheto *Apologia por la noble nacion de los Judios* (1649?),² um oitavo de oito fólios que foi objeto até agora de poucos estudos e sempre se apresentou como um enigma em termos bibliográficos.³ Trata-se da tradução de um panfleto inglês, *An Apology for the Honorable Nation of the Jews* (1648 [1649]), que defendia a readmissão dos judeus na Inglaterra, de onde foram

Este artigo é resultado de financiamentos do CNPq, por meio de Bolsa PQ- 2021, Processo 314162/2021-6, e de Bolsa PDS 2023, Processo 173761/2023-2, e faz parte do projeto "A função social dos paratextos no período moderno", Edital Universal CNPq/MCTI nº 10/2023, Processo 403863/2023-6. Nosso agradecimento aos colegas "paratextuais": Andréa Doré, Thomás Haddad, Verônica Calsoni Lima, pela interlocução, e, em particular, André de Melo Araújo, pela leitura atenta do texto. Também agradecemos os comentários de Henrique Pinheiro, com quem temos analisado o *Esperança* de Menasseh há três anos, e dos dois pareceristas anônimos que sugeriram revisões proveitosas ao texto. Durante estágio pós-doutoral junto à Companhia das Índias/UFF, tivemos oportunidade de discutir a pesquisa com Rodrigo Bentes Monteiro em diferentes ocasiões. Na FBN, fomos auxiliados por Thais Almeida, que nos esclareceu várias dúvidas sobre materialidade. Uma versão prévia foi apresentada no EIHC 2024, em Santarém, quando pudemos testar alguns aspectos da pesquisa por meio do debate coletivo no ST do grupo Metamorphose e das questões de André Sekkel e Rodrigo Bentes. Por fim, as conclusões aqui apresentadas não teriam sido possíveis se Maria não nos tivesse levado (voando) até Madri.

¹ Gérard Genette. *Paratextos editoriais*. Cotia, SP: Ateliê, 2009, pp. 9-10.

² Eduardo Nicholas. *Apologia por la noble nacion de los IVDIOS y hijos de Israel*, Londres [Amsterdã]: En casa de Juan Field [sic], 1649.

³ Margaret Munsterberg. "Notes on Rare Books: *Apologia por la noble nación de los judios*, London, 1649". *The Boston Public Library Quarterly*, VI, 4 (1954), pp. 235-241; Fernando Díaz Estebán. "La *Apología por la Noble nación de los judíos*, de Eduardo Nicholas (1649)". *Sefarad*, 59, 2 (1999), pp. 251-262.

expulsos em 1290, escrito sob pseudônimo de Edward Nicholas (na tradução, Eduardo Nicholas).⁴ O *Apology* (e sua tradução, *Apologia*) apresentava as razões, em termos econômicos, mas também religiosos, pelas quais seria vantajoso para a Inglaterra — agora, uma república — voltar a aceitar a “nação judaica” em seu solo. O debate sobre a readmissão dos judeus fazia-se num ambiente de disputas políticas entre vertentes do protestantismo que assumiam tons ora filojudaicas, ora antijudaicas. Se faz sentido a produção de *Apology* nesse contexto, não é tão claro o interesse de vertê-lo para o espanhol. Pelo que indica o exame dos elementos tipográficos e do *mis-en-page* de *Apologia*, o panfleto em espanhol não foi impresso em Londres, mas em Amsterdã, mais precisamente nas prensas da família do rabino Menasseh Ben Israel (1604-1657). O que nos interessa, entretanto, para a discussão específica sobre os limites do paratexto é que alguns exemplares de *Apologia*, como o existente na Biblioteca Nacional da Espanha (BNE), que servirá de base para esta análise, aparecem encadernados com *Miqveh Israel, esto es, Esperança de Israel*.⁵

Esperança de Israel trazia o relato de Antônio de Montesinos (1604-1648) sobre a descoberta da tribo perdida de Ruben na Amazônia hispânica, seguido de um texto de Menasseh explicando a significância desse achado para o debate sobre a origem dos povos americanos, mas sobretudo para o destino do povo judaico. Havia implicações apocalípticas e messiânicas: a volta das tribos perdidas era um dos anúncios da vinda do Messias (seja pela primeira vez, para os judeus, seja pela segunda, para os cristãos). O que moveu Menasseh a redigir e publicar sua interpretação sobre o relato de Montesinos fora o interesse dos protestantes britânicos, especialmente os filojudaicos e milenaristas, que realizavam esforços para a readmissão dos judeus na Inglaterra e viam uma possível origem judaica dos indígenas como sinais do fim dos tempos e do caminho para o triunfo imperial da recém-instalada República inglesa.⁶ Menasseh, ao mesmo tempo que publicava na prensa familiar o *Esperança*, produziu uma versão em latim, *Spes Israelis*, para enviar para seus interlocutores cristãos. Esta tinha diferenças nos elementos paratextuais, e desta versão latina foi feita rapidamente uma tradução inglesa, sob o título de *Hope of Israel*, que ganhou três edições entre 1650 e 1653. Sina Rauschenbach aponta que as versões latinas dos textos de Menasseh atendiam a demandas de seus interlocutores cristãos, mas, ao fazê-lo, também buscavam a validação da

⁴ Edward Nicholas. *An Apology for the Honorable Nations of the JEVVS, And all the Sons of Israel*. Londres: Printed by John Field, 1648 [i.e., 1649].

⁵ Menasseh ben Israel. *Miqveh Israel, esto es, Esperança de Israel*. Amsterdã: En la impresion de Samuel Ben Israel Soeiro, Año 5410 [i.e., 1650].

⁶ Richard Popkin. “The rise and fall of the Jewish Indian Theory”. In: Yosef Kaplan, Henry Méchoulán e Richard Popkin (orgs.). *Menasseh Ben Israel and his world*. Leiden: Brill, 1989, p. 62ss; Peter Toon. “The question of Jewish Immigration” In: Peter Toon (org.). *Puritans, the Millennium and the future of Israel*. Cambridge: James Clark, 2002 [1970], pp. 115-125; Amy Sturgis. “Prophesies and Politics: Millenarians, Rabbis, and the Jewish Indian Theory”. *The Seventeenth Century*, 14, 1 (1999), pp. 15-23. Ariel Hessayon. “Jews and crypto-Jews in sixteenth and seventeenth century England”. *Cromohs*, 16 (2011). Disponível em: http://www.cromohs.unifi.it/16_2011/hessayon_jews.html. Acesso em 9 de janeiro de 2026.

posição do rabino na República das Letras, como sábio judeu, e a defesa de um lugar para a própria comunidade da “Nação portuguesa” nas repúblicas e monarquias cristãs. Menasseh, assim, operava como um “novo tipo de mediador cultural”, cuja atuação como tradutor entre o saber judaico e o cristão buscava avançar “em direção ao reconhecimento civil dos judeus”.⁷

Aspecto, entretanto, pouco reparado na bibliografia sobre Menasseh e *Esperança*: o livro em castelhano teve duas edições diversas, o que poderia apontar para uma contrafação ou, o que acreditamos ter sido o caso, um trabalho em parceria com outros editores. Resta entender o porquê de duas impressões diferentes, algo não discutido na historiografia, sendo somente apontado por Harm Den Boer em seu extenso e detalhado inventário das obras judaico-portuguesas existentes em bibliotecas ibéricas.⁸ A questão ganha relevância porque os exemplares identificados de *Esperança* que estão encadernados com *Apologia* são todos de uma das edições, sugerindo dois circuitos diferentes.

A circulação e o intuito de atingir diferentes destinatários, por meio dessas várias edições e versões, parecem evidentes, o que levanta questões sobre as intenções de Menasseh e dos agentes envolvidos na publicação dos impressos. Há um debate historiográfico se Menasseh tinha, já na altura da publicação de *Esperança de Israel*, um interesse manifesto na readmissão e, assim, escreveu sua obra pensando nisso, ou, pelo contrário, foi algo posterior, decorrente da ótima recepção da *Esperança* na Inglaterra, traduzida numa campanha pela aceitação dos judeus, que culminou na ida de Menasseh a Londres em 1655.⁹ Entretanto, essa discussão se deu, sobretudo, analisando os aspectos textuais e contextuais, mas não os aspectos paratextuais, bibliográficos ou materiais dos documentos. Pensar as impressões e seus paratextos pode dar pistas tanto sobre o debate em torno das intenções de Menasseh com a *Esperança de Israel*, quanto sobre o sentido da tradução de *Apologia*. Mais ainda se olharmos para além dos textos e observamos também os aspectos materiais e considerarmos a paratextualidade na produção do documento, como sugere o grupo que tem pesquisado a “Função Social do Paratexto no Período Moderno”, ao qual estamos

⁷ Sina Rauschenbach. *Judaism for Christians. Menasseh Ben Israel (1604-1657)*. Londres: Lexington Books, 2019, p. 205 (Cf., *passim*, chap. 8). “new tipe of cultural mediator”, “toward a civil recognition of the Jews”.

⁸ Harm Den Boer. “Spanish and Portuguese Editions from the Northern Netherlands in Madrid and Lisbon Public Collections, II, 2”. *Studia Rosenthaliana*, 23-2 (1989), pp. 142-143, 146.

⁹ Ismar Schorsch. “From Messianism to Realpolitik: Menasseh Ben Israel and the Readmission of the Jews to England”. In: *Proceedings of the American Academy for Jewish Research*, 45 (1978), pp. 187-208; Benjamin Braude. “Les contes persans de Menasseh Ben Israël: polémique, apologétique et dissimulation à Amsterdam au XVIIe siècle”. In: *Annales*. 49, 5 (1994), pp. 1107-1138; Ran Segev. “Sephardic Conquistadores in a New World: Menashe ben Israel on the ‘Rediscovery’ of the Lost Tribes”. *Journal for Early Modern Cultural Studies*, 18, 4 (2018), pp. 124-150; Steven Nadler. *Menasseh ben Israel Rabbi of Amsterdam*. New Haven: Yale University Press, 2018.

vinculados.¹⁰ Seguindo passos delineados em artigo recente, propomos olhar os paratextos menos a partir de uma aceção formal e classificatória, como categoria descritiva, e mais pela sua paratextualidade, como categoria analítica. Paratextualidade implica um aspecto relacional: qualquer elemento presente ou ligado ao artefato pode ganhar valor paratextual ao estabelecer uma relação de paratexto com o texto. Buscamos, assim, “estabelecer [...] se e como um elemento cumpriu, no tempo, a função de um paratexto, desempenhou como um paratexto, ou foi percebido como tal”.¹¹ São precisamente essas manifestações liminares, com valor paratextual, que contextualizam tanto o texto como documento quanto sua produção, consumo e circulação. Nesse sentido, o fato do folheto *Apologia* aparecer encadernado após uma das edições de *Esperança* significa que aquele era e deveria ser lido como um apêndice ou um posfácio deste e, como tal, mudaria o sentido e a intenção do texto.

Esse é um aspecto em particular que faz com que essa nossa escolha, para além de um estudo de caso, prometa rendimentos analíticos interessantes para o presente dossiê. Menasseh, além de um autor, era também um editor. Montou a primeira casa livreira e imprensa judaica, com tipografia em hebraico, nos Países Baixos. Embora afastado da gestão da oficina desde 1645, seus filhos continuaram a levar a empresa familiar, e Menasseh acompanhou-a nesse período, utilizando a casa livreira como plataforma para lançar suas empresas junto à República das Letras e aos potentados cristãos. Ou seja, temos um caso no qual o autor intelectual também era um dos autores gráficos. Se Roger Chartier advoga que temos que olhar para os agentes do impresso, além dos escritores, para analisar um texto impresso,¹² no caso, Menasseh Ben Israel personifica, direta ou indiretamente, as duas funções. Nesse sentido, as escolhas editoriais e gráficas ganham relevo ainda maior para pensarmos os sentidos e intenções do texto, e podem, a partir desse caso, em princípio excepcional, indicar pistas para pensarmos outros considerados mais corriqueiros.

Para tentar dar conta das questões levantadas, vamos partir do volume existente na BNE, localizando-o dentre os exemplares de *Esperança* e *Apologia*. A partir desse panorama, apresentaremos as versões de *Esperança* para então discutir as variantes entre as edições. Com isso, voltaremos à questão de *Apologia* como paratexto de *Esperança* para indicar os possíveis destinatários e retomar a questão posta da intenção de Menasseh com seus diferentes impressos.

¹⁰ “Função Social do Paratexto no Período Moderno”, Chamada CNPq/MCTI nº 10/2023, Processo 403863/2023-6.

¹¹ André de Melo Araújo, Andréa Doré, Luís Filipe Silvério Lima, Thomás Haddad e Verônica Calsoni Lima. “Paratextos e Paratextualidade na Época Moderna: Limiares, Funções e Transformações”. *Anais do Museu Paulista*, 38 (2025), p. 8, Disponível em: <https://doi.org/10.11606/1982-02672025v33e43>. Acesso em 25 de novembro de 2025.

¹² Roger Chartier. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002, pp. 126-127.

Exemplares

Começamos pelo exemplar a partir do qual se pensou este artigo, observando alguns de seus paratextos. O artefato sob cota R.3768 da BNE é um códice de dimensões pequenas (8 x 14,5 cm), encadernado em *vellum*, usando um tipo de costura comum no século XVII.¹³ Pertencia à coleção da Real Biblioteca, que daria origem à BNE.¹⁴ Na sua lombada, está anotado, a tinta, “Experança de Israel”, abaixo de uma cruz, similar à da Ordem de Cristo, identificando o volume pela sua obra principal. Além de *Esperança de Israel* anunciado na lombada, contém *Apologia por la Noble Nación de los Judios*, como já dito, bem como uma gravura que funciona como um frontispício, retratando Menasseh Ben Israel, feita por Salom Itália em 1642. A gravura está dobrada em quatro, para fazer com que aquele retrato impresso na dimensão de um quarto ficasse do mesmo tamanho dos oitavos impressos, *Esperança* e *Apologia*. Esses elementos compunham a “obra”, tomada aqui na totalidade do artefato, e seus paratextos (não somente os contidos no livro impresso) identificavam qual era e quem a havia escrito: *Esperança* (anunciado desde a lombada), de Menasseh Ben Israel (evidenciado na gravura).

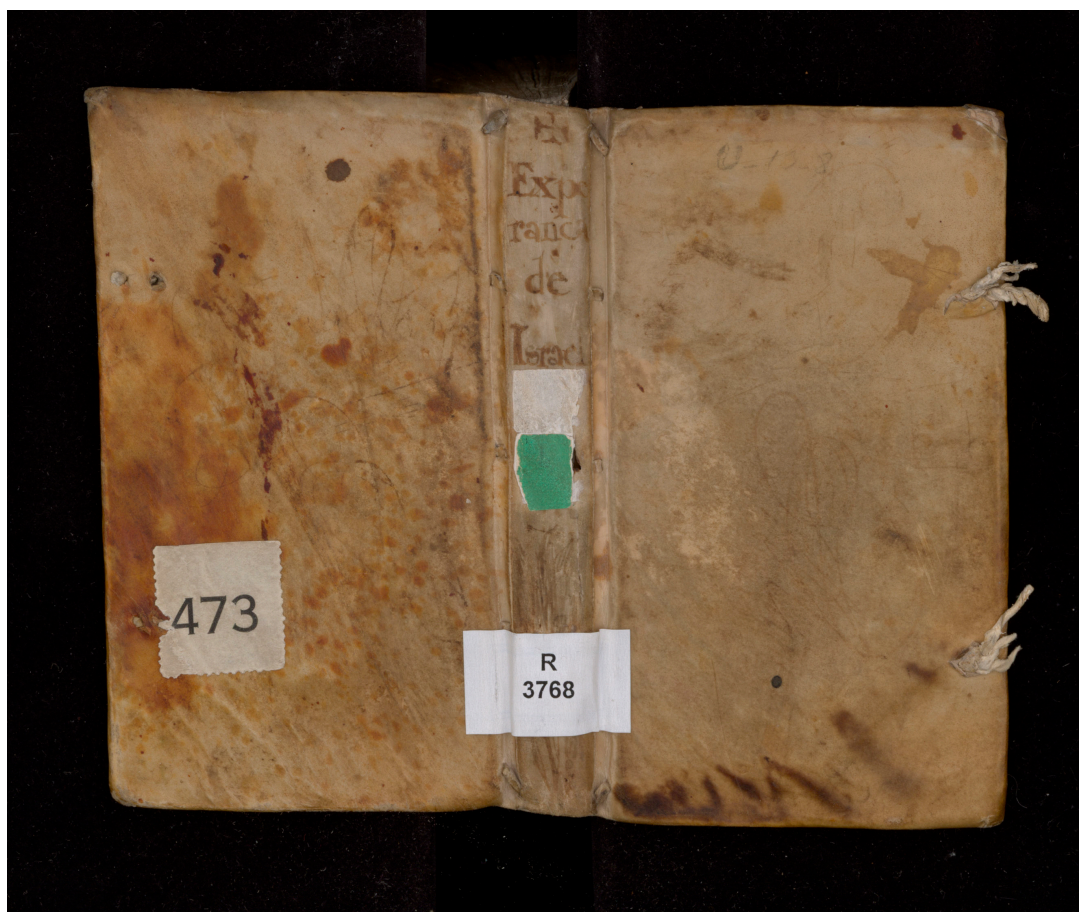


Figura 1 – Encadernação do códice R.3768 da BNE.

¹³ Informações dadas pela bibliotecária da BNE.

¹⁴ Joseph Rodriguez de Castro. *Biblioteca Española. Tomo I, que contiene la noticia de los escritores rabinos españoles...* Madri: En la Imprenta de la Gazeta, 1781, p. 565.

Devemos lembrar que, no século XVII, não existia capa de livro, e a encadernação, em geral, corria por conta de quem adquiria o livro. Se na obra arquetípica pensada por Genette (o romance ocidental contemporâneo) a capa e a encadernação integravam o produto consumido, sendo, portanto, definidas pelos seus produtores textuais e gráficos a partir de uma intenção de construção daquela obra (cumprindo a função autoritativa de um peritexto),¹⁵ no caso dos impressos modernos, o como e com o que se encadernava implicavam a ação de outros agentes, muitas vezes sob demanda do próprio leitor que havia adquirido aqueles textos (podendo ser considerados até mesmo um epitexto, já que representariam uma recepção e leitura da obra). Assim, a distinção feita por Genette entre peritexto (aquilo que circunda o texto, no espaço físico da obra) e epitexto (aquilo que está fora do texto, exterior à obra) não funciona se olharmos para o artefato. A encadernação não participa da produção do texto, não está inscrita no espaço físico do livro quando produzido ou vendido, mas está ligada materialmente ao texto naquele artefato, por exemplo. Juntar esses elementos materialmente não é somente uma operação textual, mas também uma operação material. Nesse sentido, o fato de o retrato de Menasseh, *Esperança* e *Apologia* estarem encadernados juntos num pequeno volume identificado como *Esperança* revela indícios, ao mesmo tempo, da produção, circulação e recepção da “obra”.

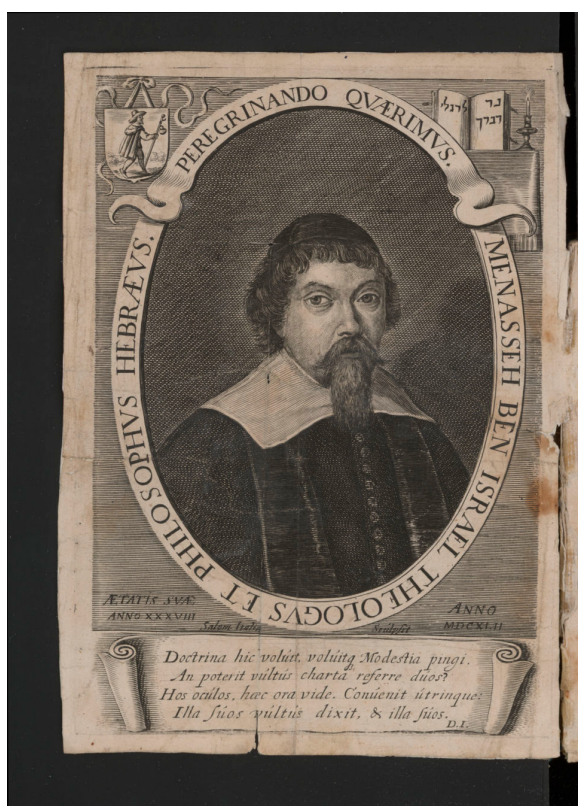


Figura 2 – Salom Itália, “Retrato de Menasseh Ben Israel”, gravura em metal, 1642, no códice R.3768 da BNE.

¹⁵ Gérard Genette. *Paratextos editoriais*, op. cit. pp. 10-13.

A gravura, costurada junto ao volume, apresentava quem era seu autor. Era um retrato que Menasseh encomendara oito anos antes da publicação de *Esperança* ao gravador italiano Salom Itália, então recém-chegado em Amsterdã, para enviar ou fazer circular entre seus interlocutores cristãos.¹⁶ O ano seguia o calendário cristão, e Menasseh era apresentado como teólogo e filósofo hebreu (e não como rabino). Trazia, no canto superior esquerdo, no formato de brasão, a sua divisa de impressor, que estampou nos volumes de um de seus livros mais conhecidos na República das Letras, o *Conciliador*. O lema original da divisa, “Como hum romeiro apercebido”, ausente do brasão, apareceu adaptado para o latim: “Peregrinando Quaerimus”, destacando o aspecto letrado (*quaerimus*) daquele romeiro (*paeregrinando*). A autoria (no sentido de *auctoritas*)¹⁷ construída por esse retrato adicionado ao volume era não tanto a de um rabino da comunidade dos judeus portugueses de Amsterdã, mas de um teólogo e filósofo judeu, que era também o impressor de seus próprios livros, como lembrado pela presença da divisa. Se os paratextos são o local de delimitação da autoria, segundo Genette, a gravura, entendida como paratexto desse exemplar da BNE, diz que o autor daquela obra era um letrado, teólogo, filósofo e impressor judeu.



Figura 3 – Folha de rosto de *Esperança de Israel* e gravura de Salomo Itália (dobrada à esq.), encadernadas juntas no códice R.3768.

¹⁶ Rachel Wischnitzer, “Ezra Stiles and the Portrait of Menasseh Ben Israel”. *American Jewish Historical Quarterly*, 51, 2 (1961), pp. 141-142; Michael Zell. *Reframing Rembrandt. Jews and the Christian Image in Seventeenth-Century Amsterdam*. Los Angeles: University of California Press, 2002, p. 26.

¹⁷ Luís Filipe Silvério Lima. “A questão da autoria”. In: Rodrigo Bentes Monteiro (org.). *Modernos em curso*. Niterói: EDUFF, 2022, pp. 95-155.

Parte dessa caracterização é reafirmada na folha de rosto de *Esperança*, que segue à gravura. Também ali Menasseh é apresentado como “Teólogo e Filósofo Hebreu”, embora o oitavo seja dedicado, já na folha de rosto, aos “Parnassim” (principais) da sinagoga Talmud Torá, onde ele era rabino.¹⁸ Quem imprimiu o texto foi seu filho, Samuel, que assumira em 1648, depois de uma série de percalços, a gestão da casa livreira dos Ben Israel. Adotou no *imprint* um nome de livreiro, “Semvel Ben Israel Soeiro”, que enunciava a dupla origem familiar: cristãos-novos vindo de Portugal (Soeiro), fugidos da Inquisição, e “judeus-novos”¹⁹ residentes em Amsterdã (Ben Israel), novamente convertidos (os chamados “conversos”) à fé judaica. Soeiro era o antigo sobrenome cristão do rabino Menasseh Ben Israel, cujo nome português, Manoel Dias Soeiro, ainda usou para assinar alguns contratos, como o da compra dos tipos hebraicos para a oficina,²⁰ e seu filho (e herdeiro na tipografia) resolveu evidenciar essa dupla filiação, indicando, talvez, que estava imprimindo livros para dois públicos, o cristão-novo e o converso, ambos subsumidos no epíteto “gente de nação”. O ano 5410 (1650) segue o calendário judaico, talvez explicitando seus possíveis leitores implícitos. Entretanto, a folha de rosto de *Esperança* traz uma anotação a tinta, “Está vedado”, possivelmente indicando o fato daquele texto, na sua versão latina, *Spes Israelis*, ter sido colocado no *Index* pela Inquisição espanhola em 1707,²¹ o que significaria que seus leitores empíricos não se restringiriam aos conversos, pois alguém quis indicar que aquela era uma leitura interdita para um cristão (novo ou velho).

Após a folha de rosto, seguiam três páginas da dedicatória aos “parnassim”, todos relacionados nominalmente, a carta “al lector”, com quatro páginas, e uma relação de quatro páginas dos “Autores y libros hebreos” citados na obra. Com as folhas em branco, isso compunha o primeiro caderno em oitavo, não numerado e sem assinatura — as marcas tipográficas que indicavam a ordem dos cadernos. A numeração das páginas começava com a “Relacion” de Montesinos, que ocupava também o primeiro caderno com assinatura (A), e depois seguia com o “Libro intitulado Esperança de Israel” (dos cadernos B ao H), que terminava na página 126.

¹⁸ Sobre isso, ver: Rauschenbach, *Judaism for Christians*, op. cit. p. 208.

¹⁹ Yosef Kaplan. “Wayward New Christians and Stubborn New Jews: The Shaping of a Jewish Identity”. *Jewish History*, 8, 1-2 (1994), p. 27.

²⁰ Steven Nadler. *Menasseh Ben Israel*, op. cit. p. 39.

²¹ Harm den Boer. “La Recepción de Ediciones Sefardíes en España y Portugal”. In: Jan Lechner, Harm den Boer (orgs.). *Diálogos Hispánicos: España y Holanda. Ponencias leídas durante el Quinto Coloquio Hispanoholandés de Historiadores*. Amsterdã: Rodopi, 1995, p. 217.

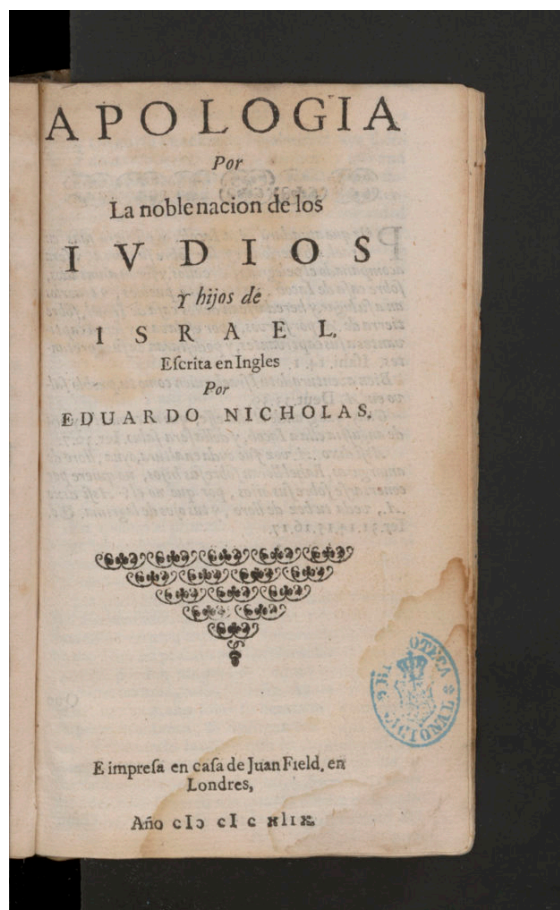


Figura 4 – Folha de rosto de *Apologia*, encadernada após *Esperança* no códice R.3768.

A folha de rosto de *Apologia*, que seguia *Esperança* no códice da BNE, dizia que fora “Escrita em Ingles por Eduardo Nicholas” (espanholização do inglês Edward Nicholas, como já dito) e informava ter sido “E impresa en casa de Juan Field, en Londres, Año c1o c1c [sic] xliix [1649]”, que era uma tradução do *imprint* de *Apology*, “London, printed by John Field, 1648”. Convertia o ano do calendário juliano em uso na Inglaterra, que contava o início do ano a partir de março, para o gregoriano, mas ambos em registro cristão. O *imprint* traduzido não informava propriamente sobre o local da impressão daquele oitavo: o conectivo “E” ligava aquela informação ao fato de ter sido “escrita em inglês”, dizendo mais sobre a origem do texto do que sobre a impressão que o leitor teria em mãos. Ou seja, não cumpria a função usual de *imprints* de indicar onde poderia se encontrar aquele impresso ou dizer de quem eram os direitos de cópia daquele texto, algo importante em textos que se pensam como produtos autônomos a serem comercializados. A *Apologia* era composta por só um caderno em oitavo, que incluía a folha de rosto e, no seu verso, trechos bíblicos como epígrafe, seguido do texto que era definido como “Apologia” no cabeçalho. O caderno era numerado somente no reto, contando as folhas (e não as páginas) até 8 e assinado como A, mas na primeira página, a da folha de rosto, não havia marcação, então a contagem começava em “A2” (assinatura) e 2 (folha), na terceira página. O tamanho das letras do corpo do texto era menor do que o de *Esperança*, cabendo tudo em um caderno somente.

Da mesma maneira que podemos tomar a gravura feita por Salomo Itália como um frontispício, pela sua inclusão naquele artefato, é possível ler *Apologia* como um posfácio ou adendo de *Esperança*. Ambos os textos, portanto, tendo um valor paratextual que delimita a autoria e o sentido que se deu à obra *Esperança* naquele exemplar da BNE. Mas, para além de uma escolha daquele que tenha comprado e mandado encadernar juntos a gravura e os dois impressos nesse exemplar, há razões para supormos uma relação mais próxima entre esses dois textos. Essa junção na qual *Apologia* segue como posfácio de *Esperança* aparece em outros códices que chegaram até nós, como se pode ver na Tabela 1.

Biblioteca	Localização	Den Boer	Iberian Books	ESTC	USTC	Encad. com Esperança
<i>Consulta a exemplares físicos</i>						
BNE	R.3768/2	274	B74766		5027415	SIM
Beinecke, Yale	Bg20n 650		B74766	R9842	3046586/ 5027415	SIM
Houghton, Harvard	EC65.N5145.EK 649M		B74766	R9842	3046586/ 5027415	NÃO
<i>Consulta a exemplares digitalizados</i>						
Biblioteca Real Holandesa (KB)	KN 485 L 24[2]		B74766?		5027415	SIM
Biblioteca Nacional da Áustria (ONB)	31.Z.80		B74766		5027415	NÃO
Biblioteca Pública de Boston (BPL)	G 405.120			R9842	3046586	NÃO
<i>Consulta somente por catálogo on-line</i>						
Biblioteca Real da Dinamarca (KB)	145.94					SIM

Tabela 1 – Exemplares de *Apologia* consultados

Dos sete exemplares de *Apologia* que localizei, quatro estão encadernados com *Esperança*. Consultamos os exemplares físicos de dois deles (BNE e Beinecke) e uma cópia digitalizada (KB-Holanda), além de localizar um outro pela descrição do catálogo eletrônico (KB-Dinamarca). Além desses quatro exemplares de *Apologia* encadernados com *Esperança*, compulsamos um físico (Houghton) e duas digitalizações (ONB e BPL) de *Apologia* avulso.

Não vimos, por certo, todos os exemplares de *Apologia* (muito menos de *Esperança*) existentes. O Universal Short Title Catalogue (USTC), que pretende ser um catálogo de todos os livros impressos até 1700, identifica, por exemplo, 19 cópias sob três números diferentes, sendo um deles de um exemplar hoje

perdido (5044770).²² O USTC, entretanto, não nos pareceu uma base confiável, pois muitas das entradas não são conferidas, partem de outros catálogos sem cotejar as informações e não distinguem, muitas vezes, exemplares físicos de microfilmes e digitalizações. Esse tipo de imprecisão leva, por exemplo, à duplicação de registros ao inserir o mesmo exemplar sob dois números diferentes, pois aparecem em dois catálogos consultados, mas não confrontados, como podemos ver na tabela nos exemplares da Houghton e Beinecke. Para as entradas de *Apologia*, o USTC baseou-se em outros quatro catálogos, dos quais consultamos três: English Short Title Catalogue (ESTC), voltado para textos impressos em inglês ou no mundo anglo-americano;²³ Iberians Books, que inventaria os livros publicados em Espanha, Portugal e na América Ibérica, mas também em espanhol e português em outros espaços;²⁴ e o catálogo organizado por Den Boer sobre os livros judaicos existentes nas bibliotecas espanholas e portuguesas,²⁵ do qual este artigo partiu. Pelo seu caráter mais amplo e por detalhar as informações de consulta, o catálogo mais seguro para nos fiarmos em termos do número de exemplares existentes é o Iberian Books (IB). Nele, listam-se 16 exemplares, mas indicando serem cinco reproduções e cinco sem verificação, podendo também ser remissões a cópias digitalizadas ou microfilmadas. Dos seis exemplares apresentados com localização precisa pelo IB, consultamos quatro, faltando apenas os da Ets Haim, em Amsterdã, e da Biblioteca Municipal de Ruão. O listado por Den Boer (o da BNE) e os três presentes no ESTC (que, note-se, toma o *imprint* traduzido pelo seu valor de face, supondo ser uma indicação de que foram impressos em Londres e, portanto, parte do escopo do ESTC) foram consultados, como apontado na tabela. Há um exemplar que não aparece em nenhum dos catálogos, o da Biblioteca Real da Dinamarca, o que pode significar que haja outros mais também a serem encontrados.

Além disso, mais da metade dos exemplares levantados de *Apologia* está encadernada com *Esperança*, como no códice R.3768 da BNE. Eles aparecerem sempre juntos a uma das duas edições do pequeno tratado de Menasseh, identificadas por Hans Den Boer entre os exemplares da BNE. Na própria BNE, o outro exemplar da *Esperança* (R. 12833), que possui uma disposição gráfica ligeiramente diversa do R.3768, com outros tipos e mesmo pequenas diferenças na colação, está encadernado sozinho. Ou seja, *Apologia* teria valor paratextual somente para uma das edições de *Esperança*. Para seguir essa pista, verificamos 13 exemplares, fisicamente ou por meio de digitalização, além de localizar dois

²² Universal Short Title Catalogue (USTC): Universal Short Title Catalogue (USTC): <https://www.ustc.ac.uk/editions/5027415>, <https://www.ustc.ac.uk/editions/5044770>, <https://www.ustc.ac.uk/editions/3046586>.

²³ English Short Title Catalogue (ESTC): <https://datb.cerl.org/estc/R9842>.

²⁴ Alexander S. Wilkinson e A. Ulla Lorenzo. *Iberian Books, 1601-1650*, Leiden: Brill, 2015. Usamos a versão online do catálogo: <http://iberian.ucd.ie/view/iberian:47452>.

²⁵ O USTC remete ao catálogo de Den Boer publicado em 2003. Utilizamos a versão anterior que saiu na revista *Studia Rosenthaliana*: Harm Den Boer. "Spanish and Portuguese Editions from the Northern Netherlands in Madrid and Lisbon Public Collections, II, 2", *op. cit.*, p. 151.

exemplares por meio de catálogos online, como exposto na Tabela 2. Comparando alguns elementos presentes na folha de rosto, outros elementos paratextuais e a colação, identificamos sete exemplares que seguem o padrão de R.3768 (BNE, Beinecke, BL, KB-Holanda, ONB, Spinozahuís e KB-Dinamarca), sendo quatro desses encadernados também com *Apologia* (BNE, Beinecke, KB-Holanda e KB-Dinamarca). O mais significativo, talvez, é que todos os nove exemplares compulsados com o padrão gráfico de R.12833 aparecem encadernados sozinhos.

Biblioteca	Localização	Den Boer	STCN	Iberian Books	USTC	Encad. com Apologia
<i>Consulta a exemplares físicos</i>						
BNE	R.3768/1	260		B5855	5020276	<u>SIM</u>
BNE	R.12833	259		B5855	5020276	NÃO
Beinecke, Yale	Bg20n 650			B5855	5020276	<u>SIM</u>
Houghton	NC6.M3114.650 m			B5855	5020276	NÃO
John Carter Brown, Brown (JCB)	C650 M267e					NÃO
Biblioteca Britânica (BL)	1938.b.9					NÃO
BL	701.a.36		84120427 6		1029454	NÃO
Biblioteca Rosenthaliana, UoA	Ros. 1895 H 44		841204314		1029455	NÃO
Biblioteca Nacional do Brasil (FBN)	199,005,002					NÃO
<i>Consulta a exemplares digitalizados</i>						
Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)	RES. 19 p ²⁶	259				NÃO
KB-Holanda	KW 485 L 24[1]		84120427 6	B5855?	1029454/1029455	<u>SIM</u>
KB-Holanda	485 L 23		841204314	B5855?	1029454/1029455	NÃO
Bodleian, Oxford	(OC) 101 i.173				1029454	NÃO
ONB	31.Z.39				5020276	NÃO
<i>Consulta somente por catálogo online</i>						
Spinozahuís	2 116		84120427 6			?
KB-Dinamarca	145.94			B5855	5020276	<u>SIM</u>

Tabela 2 – Exemplares de *Esperança* consultados. Obs.: na primeira coluna, os exemplares da mesma edição que R.3768/1 estão em **negrito**.

²⁶ A digitalização foi feita a partir de uma cópia microfilmada (F.R. 199).

Sabemos que esse universo consultado é relativo se comparado ao número de exemplares identificados nos catálogos. Além do Den Boer, USTC e IB (o ESTC, para *Esperança*, não teve utilidade), valemo-nos do Short-Title Catalogue Netherlands (STNC), base que inventaria os impressos publicados nos Países Baixos até 1801. Para termos uma dimensão do número de exemplares de *Esperança* ainda existentes, IB identifica 16 físicos (além de outros que são ou podem ser cópias), dos quais compulsamos quatro presencialmente (Houghton e Beinecke, os dois da BNE) e um foi cotejado pela descrição do catálogo online da biblioteca (KB-Dinamarca). Entretanto, de dois daqueles catálogos, STNC e Den Boer, conseguimos consultar todos os exemplares, ainda que com níveis variados de acesso. Dos cinco exemplares identificados pelo STNC, examinamos dois presencialmente (Rosenthaliana e BL), dois por cópias digitalizadas (KB-Holanda) e de um pudemos ver uma imagem da folha de rosto (Spinosahuís). Também em Den Boer, nosso ponto de partida, compulsamos os dois exemplares da BNE listados e a cópia digitalizada da BNP. Não nos preocupamos em cobrir os 40 exemplares indicados no USTC, pelos problemas já apontados e que se repetem no caso de *Esperança*, inclusive indicando quatro variantes de *Esperança*, sem nenhum critério aparente. De maneira oposta ao USTC, deve-se destacar que o STNC indica a mesma distinção de Den Boer sobre as duas edições de *Esperança*, atribuindo dois números diferentes, nos quais os exemplares identificados como STNC 841204276 corresponderiam ao 260 de Den Boer (i.e, aquele encadernado com *Apologia* na BNE) e o 841204314 ao 259. Por fim, como para *Apologia*, há exemplares que não estão nesses catálogos, como o *Esperança* existente na FBN, no Rio de Janeiro, o que sugere não estarmos perto de esgotar um levantamento exaustivo dos exemplares. Mesmo assim, com os elementos que temos, parece-nos possível afirmar não só que há duas edições de *Esperança*, como propôs Den Boer, mas que em uma delas *Apologia* desempenha um papel liminar e central ao mesmo tempo.

Cabe, portanto, explicar no que se diferenciam essas duas edições de *Esperança*, para podermos compreender as implicações de lermos *Apologia* como paratexto de *Esperança*.

***Esperança* e suas versões**

Como dito, *Esperança* foi composta a partir de questões de letrados ingleses e escoceses enviadas para Menasseh, interessados pela notícia da descoberta de uma das Dez Tribos Perdidas de Israel nas Américas por um converso, Antônio de Montesinos. Em 1644, Montesinos comparecera à frente dos membros da sinagoga de Amsterdã, Menasseh entre eles, para relatar que tivera contato com descendentes da tribo de Ruben no meio da floresta Amazônica, no Vice-Reinado do Peru. Cinco anos depois, a notícia despertava renovado interesse por conta das expectativas milenaristas e filossemíticas fomentadas durante a Revolução Inglesa e o início da República. Menasseh enviou o relato, vertido para o francês, para os seus missivistas do outro lado do

Canal da Mancha, que o traduziram para o inglês e publicaram em seguida no livro *Jewes in America*, de Thomas Thorowgood,²⁷ como um apêndice e prova adicional da origem judaica dos indígenas. Mas além de responder aos letrados milenaristas britânicos, Menasseh resolveu dar publicidade à sua própria leitura sobre o achado de Montesinos. Fez imprimir o relato seguido de sua interpretação em espanhol no pequeno tratado *Esperança*, que, como outros de seus impressos, empregava o “famoso tamanho de bolso holandês”, uma inovação no mercado livreiro judaico introduzida por Menasseh.²⁸ Como com o *Conciliador*, fez traduzir para o latim e o imprimiu sob o título de *Spes Israelis*. Por meio da comparação dos paratextos, parte da historiografia aponta que *Esperança* e *Spes* tinham destinatários diversos e, por isso, intenções diferentes.²⁹

Quais eram esses paratextos? O relato de Montesinos não seria um paratexto, seja como preliminar, seja como apêndice, como aparecera no *Jewes in America*. Era parte central do livro, tanto em termos gráficos, pois constava do miolo composto pelos cadernos numerados e com assinatura, quanto em termos textuais, pois o “libro intitulado Esperança de Israel” era, em larga medida, um comentário da “Relacion”, pois fora por conta dele que Menasseh havia sido procurado por seus interlocutores cristãos. Assim como em *Esperança*, em *Spes*, folha de rosto, carta dedicatória, carta ao leitor e lista de autores e obras citadas não tinham assinatura nem paginação.³⁰ A ausência de numeração seria um indicativo de que aqueles seriam, como chama Chartier, os elementos preliminares. Na prática tipográfica, ao menos na sua matriz ibérica (da qual os Ben Israel pareciam ser seguidores), os preliminares eram produzidos, em geral, após se imprimir o texto central, com assinatura e paginação diferentes (no caso de *Spes* e *Esperança*, com ausência delas). Os preliminares seriam, na lógica de produção de um livro, o local da ação, por excelência, dos outros agentes de um impresso e, mais do que um marcador autorial de um texto (função gennetiana dos paratextos), seriam os elementos que informariam o contexto social de uma obra. Para Chartier, isso apontaria para uma lógica material na composição do livro que o termo “paratexto”, voltado a uma lógica textual, não conseguiria traduzir — e, portanto, dever-se-ia preferir o termo “preliminares” a “paratextos”.³¹ Como veremos adiante, embora seja útil para a descrição material dos exemplares e mesmo ajude a comprovar a nossa hipótese, o argumento de Chartier tem seus limites, inclusive em termos gráficos. Mas, para

²⁷ “The Relation of Master Antonie Monterinos, translated out of the French Copie sent by Manaseh Ben Israel”. Thomas Thorowgood. *Jewes in America...* Londres: Printed by W.H. for Tho. Slater, 1650, pp. 129-[138].

²⁸ Leo Fuks e Renate G. Fuks-Mansfield. *Hebrew Typography in the Northern Netherlands*. Leiden: Brill, 1984, pte. 1, p. 111. “famous Dutch ‘pocket-book’ size”.

²⁹ Cf. Benjamin Braude. “Les contes persans de Menasseh Ben Israël”, *op. cit.*

³⁰ Razão pela qual, talvez, encontrarmos exemplares de *Spes* e *Esperança* em que se inverte a ordem entre carta dedicatória, carta ao leitor e lista de autores.

³¹ Roger Chartier. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Unesp, 2014, pp. 236-240.

já, circunscreve os elementos paratextuais que nos interessam aqui e que interessaram à bibliografia no debate dos destinatários.

Começemos pela folha de rosto. Os dois impressos têm o mesmo formato e tamanho (oitavo no “Dutch ‘pocket-book’ size”), mas as informações na folha de rosto são mais sucintas em *Spes*. Não há explicação do que se trataria a obra, como extensamente há em *Esperança*, recurso muitas vezes empregado como forma de chamar atenção de potenciais compradores. O *imprint* de *Spes* indica o local e o ano (no calendário cristão, 1650, e não no judaico como em *Esperança*). Não menciona o livreiro, dificultando que se saiba quem publicou e, portanto, onde poderia ser adquirido. Também não traz dedicatória no rosto, como ocorre em *Esperança*, fazendo supor que sua circulação não dependia de beneplácito ou da mercê de alguma autoridade homenageada. *Spes* parecia ser um texto impresso para uma circulação mais restrita, algo que se confirma pelas evidências de que Menasseh enviou vários exemplares diretamente para seus interlocutores na Inglaterra. No próprio *Jewes in America*, um desses interlocutores, John Dury, diz, no “Epistolical Discourse” dirigido ao autor, Thorowgood, que Menasseh havia lhe informado que “escrevera [...] um Tratado, o qual muito em breve ele [Menasseh] publicaria, e do qual eu [Dury] poderia receber quantos exemplares desejasse”.³² Não era um impresso para ser vendido, mas sim distribuído. No caso, para os letrados protestantes e milenaristas do outro lado do Canal da Mancha.



Figura 5 – Folhas de rosto de *Esperança* (BNE, R.3768/1) e *Spes* (Biblioteca Pública de Nova York, KB 1650)

³² Thomas Thorowgood. *Jewes in America*, op. cit. s.p. [sig. C2]. “written [...] a Treatise, which hee shortly would publish, and whereof I should receive so many Copies I should desire”.

A dedicatória aponta em sentido semelhante. Na carta dedicatória que segue à folha de rosto, *Spes* foi dedicado ao Parlamento inglês, em honra da República recém-fundada, o que explicita seu destinatário cristão protestante. Como dissemos no item anterior, o impresso *Esperança* foi dedicado aos parnassim desde a folha de rosto e mais longamente na carta dedicatória. A primeira suposição é que isso atestaria o caráter judaico do livro, pois escrito para os “judeus-novos” da comunidade de Amsterdã, vindos de Portugal e Espanha, fugindo da perseguição inquisitorial, após décadas vivendo como “cristãos-novos”. Mas dedicar aos principais daquela comunidade era também uma forma implícita de pedir autorização e evitar controvérsias. A matéria e sua divulgação — tratar publicamente do futuro messiânico — poderiam ser consideradas polêmicas ou mesmo entrar nas interdições aos judeus da nação definidas pelos regentes reformados da cidade holandesa, o que prejudicaria a comunidade. Menasseh já tivera problemas por conta de impressões anteriores, consideradas heterodoxas.³³ Além disso, a boa recepção ou mesmo o sucesso que seus escritos obtinham entre os letrados cristãos não era bem-visto pelos líderes da sinagoga Talmud Torá, a quem dedicava *Esperança*.³⁴ Nesse sentido, essa dedicatória não serve tanto como um índice da audiência desejada, mas mais para ver as estratégias que permitiriam a circulação da obra, pensada para ser vendida.

Além das dedicatórias para diferentes destinatários, o “*Lectori Benevolo*” tinha um parágrafo a mais do que a “*Al Lector*”. Um parágrafo no qual Menasseh explicava a seus leitores cristãos a origem do título “[*Miqveh Israel*] *Spes Israelis*”. Dizendo que fora retirado de Jeremias 14:8, “*Spes Israelis Salvator ejus*”, Menasseh evidenciava o sentido messiânico da passagem. Ao mesmo tempo, ao usar “*Spes*” para “*Miqveh*”, indicava que não estava seguindo a Vulgata, na qual o trecho aparecia como “*Expectatio Israhel salvator eius*”. Seus leitores eram protestantes, que, como ele, traduziram o texto como “*Hope of Israel*”.³⁵ Esse parágrafo a mais, na verdade, tinha sido retirado da dedicatória aos “parnassim” de *Esperança*, e não aparecia naquela dirigida ao Parlamento inglês de *Spes*. Ao se endereçar aos líderes da comunidade judaica, Menasseh citava a *Bíblia en língua española* que ele ajudara a editar, na qual a passagem aparece como “*Esperança de Israel su salvador*”.³⁶ Deslocar da dedicatória para a carta ao “*Lectori Benevolo*” parece-nos indicar uma intenção de ressaltar o verdadeiro sentido da descoberta de Montesinos para seus leitores protestantes (e não para o Parlamento): suas implicações messiânicas quanto à redenção do povo judeu, com o fim de suas tribulações.

³³ Steven Nadler. *Menasseh Ben Israel*, op. cit. pp. 55-57.

³⁴ Sina Rauschenbach, *Judaism for Christian*, op. cit.

³⁵ Luís Filipe Silvério Lima. “Aproximações para uma história do conceito de Esperança nas expectativas milenaristas do século XVII”. *O que nos faz pensar*, 26, 41 (2017), pp. 93-94.

³⁶ *Bíblia en lengua española*. Amsterdam: impressesadorie [sic] de Gillis Ioost, 5606 [sic] [1646], p. 324.

Por fim, após a carta ao leitor, seguia a lista de autores citados que atestavam a erudição de Menasseh e autorizavam-no como autor (*auctorictas*), algo já anunciado pela sua apresentação como “Theologo, y Philosopho Hebreo”/“Theologo & Philosopho Hebræo”. Entretanto, há uma diferença na disposição da lista. A lista de *Spes* foi dividida em duas, “Auctores aliarum nationum, qui citantur in hoc tractatu” e “Libri et Authores Hebrei”, enquanto em *Esperança* há só uma, “Authores, e libros hebreos, que se alegam en la presente obra”. Isso talvez reforce um aspecto destacado por Rauschenbach: a busca de Menasseh na construção dessa persona autoral como o sábio judeu que servia de fonte da tradição hebraica para os cristãos.³⁷ Ao destacar os livros e autores judaicos, evidenciava um conhecimento que só o rabino de Amsterdã poderia lhes descortinar e, assim, se legitimava como autor e autoridade.

Por esse exame rápido dos paratextos, parecemos confirmar a interpretação dos dois destinatários e das intenções diversas. Mas não respondemos à questão se Menasseh escreveu *Esperança* já pensando em engrossar a campanha pela readmissão dos judeus na Inglaterra, levada à frente por alguns desses seus interlocutores em Londres. Considerar as duas edições de *Esperança*, indicadas por Den Boer, mas ignoradas pela bibliografia, mais preocupada com o exame textual (mesmo dos paratextos), pode ser um caminho profícuo.

As duas edições de *Esperança*

Além do exemplar que destacamos desde o início, a BNE possui outro *Esperança*. O oitavo, sob número R.12833, está encadernado sozinho, em couro marroquino; encadernação provavelmente do século XIX, quando fazia parte da coleção do historiador e bibliógrafo espanhol Pascual de Gayangos y Arce, como mostra o carimbo na folha de rosto. Na folha de rosto, vê-se ainda que o segundo “A” em “ESPERANÇA” tem uma serifa torta, possível problema na hora do encaixe do tipo quando da armação da página na forma. No exemplar que foi encadernado com *Apologia* (R.3768), a serifa aparece inalterada. Porém, as diferenças, ainda que menos evidentes, não param por aí. Os tipos não são os mesmos.

³⁷ Sina Rauschenbach. “Mediating Jewish Knowledge: Menasseh ben Israel and the Christian Republica litteraria”. *The Jewish Quarterly Review*, 102, 4 (2012), pp. 561-588.



Figura 6 – Folhas de rosto de *Esperança*: BNE R.3768/1 e BNE R.12833, com destaque para as letras.

A começar pelo próprio “A”. Em R.3768, tem a base mais larga (0,65 x 0,6 cm), enquanto o tipo de R.12833 é mais estreito (0,5 x 0,6 cm). No “E” de R.3768 não só a base é mais larga (0,6 x 0,6 cm) do que o de R.12833 (0,5 x 0,6 cm), como a barra inferior prolonga-se visivelmente em relação à superior, dando um destaque para a serifa que se projeta perpendicularmente. Ainda que isso demonstre que houve duas impressões separadas, não nos assegura que ambas não tenham saído da casa dos Ben Israel. Afinal, não era incomum uma oficina ter mais de um conjunto de tipos romanos. Mais significativo, portanto, é que os tipos hebraicos variem, como podemos ver na Figura 6. Havia bem menos conjuntos tipográficos em hebraico do que romanos no mercado livreiro, a ponto de Menasseh ter que encomendar os seus, quando resolveu montar sua oficina nos anos 1620.³⁸ Assim, observar os tipos hebraicos distintos é uma forma relativamente segura de verificar se estamos falando não só de duas impressões, mas de impressões feitas em duas oficinas.

³⁸ Lajb Fuks e Renate G. Fuks-Mansfield. *Hebrew Typography*, op. cit. pp. 102, 106; Steven Nadler. *Menasseh Ben Israel*, op. cit. pp. 39-40, 48-49.



Figura 7 – Folhas de rosto de *Esperança* (R.3768/1 e R.12833) e *Spes* (KB 1650, no meio), com destaque para as letras.

Os caracteres de *Miqveh Israel* de R.3768 são similares aos identificados como Men. Seq. 1 por Lajb Fuks e Renate G. Fuks-Mansfeld no *Hebrew Typography in the Netherlands*, que seria um dos tipos adquiridos por Menasseh. Eram os mesmos utilizados na folha de rosto e nos intertítulos da primeira Torá em hebraico impressa em Amsterdã por Menasseh, em 1636.³⁹ Esses caracteres também podem ser vistos nos títulos em hebraico de um outro livro de Menasseh impresso naquele mesmo ano de 1650, *Machzor*, ou de uma das últimas obras de Menasseh, *Piedra Gloriosa*, de 1655, ambas editadas pelo seu filho, Samuel. Porém a prova mais definitiva é que são os mesmos usados no *Spes*, que sabemos terem sido editados e enviados pelos Ben Israel para os milenaristas ingleses. Como reforço dessa constatação, podemos ver (Figura 7) que o “E” de “SPES” é o mesmo de “ESPERANÇA”. Ou seja, R.3768 foi impresso na oficina então gerida por Samuel Ben Israel Soeiro, usando os tipos encomendados pelo seu pai, Menasseh. No outro exemplar, R.12833, ao que tudo indica, foram usados tipos hebraicos diferentes daqueles que os Fuks identificaram como pertencentes ao conjunto adquirido por Menasseh. Isso apontaria que R.12833 seria uma edição não impressa pelos Ben Israel. Quem teria feito essa edição?

O provável candidato é o impressor neerlandês Nicolas van Ravenstein, que colaborou com os Ben Israel em algumas edições. Há livros nos quais Ravenstein teria mandado imprimir nas prensas dos Ben Israel, mantendo seu nome no *imprint*, e vice-versa.⁴⁰ Foi com o *imprint* da sua oficina (ainda que

³⁹ Lajb Fuks e Renate G. Fuks-Mansfield. *Hebrew Typography*, op. cit. p. 113, 117-118.

⁴⁰ *Idem*, p. 145.

falsamente indicando ter sido impresso em Frankfurt e com a data errada, 5041 em vez de 5401, i.e., 1641) que saiu a segunda parte de *Conciliador*. Se compararmos os tipos romanos de *Conciliador* editado por Ravenstein com o R. 12839, veremos que parecem saídos da mesma tipografia. Na folha de rosto, aparentam ser da mesma família, mas de tamanhos diferentes. Se olharmos, porém, para a página dedicatória de *Conciliador*, constataremos que o “A” de “INDIAS OCCIDENTALES” tem as mesmas dimensões (0,35 x 0,4 cm) que o “A” de “AMSTERDAM” do *imprint* de *Esperança*. O mesmo se dá se cotejarmos R.3768 com a terceira parte do *Conciliador*, ambos com o *imprint* de Samuel Ben Soeiro e impressos em 5410 (i.e., 1650). O “A” de “ESPERANÇA” tem a mesma forma e dimensões (0,65 x 0,6 cm) que o de “CONCILIADOR”.



Figura 8 – Exemplos da BNE de *Esperança* e *Conciliador*.

Há um detalhe importante. Na segunda parte do *Conciliador*, editada por Ravenstein, foi a primeira vez no qual se estampou a divisa do “Romeiro” (que aparece simplificada no retrato de Menasseh), depois utilizada em outras folhas de rosto de livros impressos pelos Ben Israel, como se pode ver na terceira parte, publicada por Samuel Ben Israel Soeiro. Não se sabe quem produziu a xilogravura da divisa, mas parece ser certo que o bloco foi compartilhado entre as duas casas. Como as edições de *Esperança* não possuem vinhetas, cabeções, *cul-de-lampes* ou capitulares ornamentadas, não é possível ir além do exame dos tipos, mas uma comparação com outras impressões dos Ben Israel e Ravenstein confirma o intercâmbio de peças entre as duas oficinas.⁴¹ Em 1647,

⁴¹ Tabulamos todos os ornamentos das edições em espanhol e latim das obras de Menasseh e algumas outras de sua oficina que conseguimos compulsar material ou digitalmente, o que nos permitiu chegar a essas comparações. Pretendemos publicar esse levantamento em separado.

Ravenstein publica uma das várias edições da *Historia della disunione del Regno di Portogallo*, de Giovan Baptista Birago Avogadro,⁴² cujo título paródico em relação à obra pró-Castela de Connestagio indicava sua tomada de posição a favor da Restauração portuguesa. Mais do que isso, essa edição era dedicada ao Marquês de Nisa, embaixador de João IV na França, em torno do qual se constituiu uma rede de joanistas milenaristas, entre eles, o jesuíta Antônio Vieira, que mantiveram contatos com Menasseh.⁴³ Em 1650, Ben Israel Soeiro imprime (em português e em latim) uma edição da *Summa Política*, de Sebastião de César de Meneses,⁴⁴ um manual político sobre a “Razão de Estado” pensado para o príncipe Teodósio, herdeiro, então, da coroa de Portugal.⁴⁵ Além de comungarem do tom restauracionista (que, vale lembrar, também aparece na carta dedicatória da segunda parte do *Conciliador*), as edições de Ben Israel Soeiro e Ravenstein compartilham alguns ornamentos, como pode ser visto na Tabela 3. A vinheta estampada na folha de rosto da *Summa* em português aparece como *cul-de-lampe* na *Historia della disunione*. Além da *Summa*, Ravenstein também empregou um bloco de ornamento no cabeção do “Privilégio”, que reaparece, em outra composição, nas folhas de rosto de *Spes* e *Apologia*.

Essa colaboração (inclusive material), a nosso ver, descarta uma possível contrafacção de *Esperança*, apontando para uma impressão duplicada. Isso faria sentido se houvesse uma intenção de agilizar a produção para inundar o mercado com exemplares, seja porque se supunha que haveria demanda de compra, seja porque houvesse um patrocínio para sustentar essa oferta de distribuição. Não é possível ir além de conjecturas sobre as dinâmicas econômico-editoriais. Porém, podemos pensar se haveria diferentes intenções (e públicos) com as duas edições. E aqui voltamos à *Apologia* para demonstrar que era um paratexto de *Esperança*.

⁴² Giovanni Battista Birago Avogadro. *Historia della disunione del Regno di Portogallo*. Amsterdã: Apresso Niculau van Ravesteyn, 1647.

⁴³ Luís Filipe Silvério Lima. “Prophetical hopes, New World experiences and imperial expectations: Menasseh Ben Israel, Antônio Vieira, Fifth-Monarchy Men, and the millenarian connections in the seventeenth-century Atlantic”. In: *Anais de História de Além-mar*, XVII (2016), pp. 367-378.

⁴⁴ Sebastião Cesar de Menezes. *Summa politica; offerecida ao principe D. Theodosio de Portugal*. Amsterdã: Na tipographia de Simão Dias Soeiro Lusitano, 1650.

⁴⁵ Cf. Martim de Albuquerque. “Para uma teoria política do Barroco em Portugal. A *Summa Política* de Sebastião César de Meneses (1649-1650)”. *Revista de História*, 04 (1981), pp. 63-102. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6531.pdf>. Acesso em 9 de janeiro de 2026.

	<i>Summa politica</i> 1650	Folha de rosto
	<i>Historia della disunione del Regno di Portogallo</i> 1647	s.p. [Fim da "Tavola"]
	<i>Historia della disunione del Regno di Portogallo</i> 1647	s.p. [sig. *2 - "Privilegio"]

Tabela 3 – Ornamentos de *Summa* e *Historia della disunione*

Apologia e Esperança, Esperança e Apologia

Como dissemos, *Apologia* era a tradução do panfleto inglês *Apology for the Honourable Nation of the Jewes*. Impresso em 1649 (indicado como 1648 no *imprint*, por conta do calendário inglês), é um quarto que segue o padrão editorial dos panfletos ingleses. Embora não tenhamos localizado o registro do panfleto na Companhia dos Estacionários, corporação responsável pelo controle do mercado livreiro em Londres, sabemos que já estava em circulação no início do ano, não somente pela data corrigida em *Apologia*. O exemplar de *Apology* existente na Biblioteca Britânica pertence à coleção Thomason's Tracts, formada a partir da biblioteca do livreiro George Thomason. Thomason marcava a data de aquisição dos impressos na folha de rosto; e no caso de *Apology*, escreveu "feb. 20", o que faz que *Apology* já estivesse circulando em fevereiro de 1649. Embora se tenha informações sobre o editor, John Field (o Juan Field de *Apologia*), um estacionário importante que foi impressor de Cromwell,⁴⁶ não se sabe quem foi

⁴⁶ Henry Plomer. *A Dictionary of the Booksellers and Printers who Were at Work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. Disponível em: https://en.wikisource.org/w/index.php?title=A_Dictionary_of_the_Booksellers_and_Printers

seu autor. O único Edward Nicholas do qual se tem registro era o fidalgo regalista Edward Nicholas (1593-1669), que, naquela altura, estava em exílio na França junto ao que restara da corte real. O “Edward Nicholas, gent.” da folha de rosto era certamente um pseudônimo. De quem, não sabemos, embora tenha se aventado, ao menos desde o século XIX, ter sido escrito pelo próprio Menasseh Ben Israel, em particular por aqueles que tomaram contato com o texto exclusivamente por meio de sua tradução para o espanhol.

Na biblioteca Beinecke, de Yale, o exemplar de *Apologia por la noble nación de los judíos*, além de encadernado com *Esperança*, traz uma anotação em italiano a lápis, no verso da última página de *Esperança*, logo antes de começar o texto de *Apologia*:

Rossi a partir de Rodriguez à pag. 565 dá Menasseh ben Israel por autor da *Apologia*. Nós também somos da mesma opinião, e acrescentamos que deve ter sido impresso em Amsterdã, não sendo Londres nada mais que um meio para não revelar a pessoa.⁴⁷

“Rossi” refere-se ao *Dizionario Storico Degli Autori Ebrei*, de G.B De Rossi, de 1802, e “Rodriguez”, ao *Biblioteca Española [...] de los escritores rabinos españoles*, de Joseph Rodriguez de Castro, de 1781. Ambos, entretanto, afirmam somente que Menasseh foi muito provavelmente o tradutor de *Apologia*, não seu autor.⁴⁸ Foi no mesmo sentido dessa anotação manuscrita em italiano que, em um dos poucos estudos dedicados à *Apologia*, Díaz Estebán defende que o texto em espanhol foi escrito por Menasseh, sendo depois traduzido para o inglês.⁴⁹ Entretanto, essa hipótese não se sustenta. Primeiro por questões relativas à tradução. As citações bíblicas demonstram que o texto de *Apologia* teve como base o de *Apology*, ainda que reforcem a indicação de Rodríguez de Castro de que Menasseh seria um candidato a tradutor.⁵⁰ Em segundo, pela questão do

ers_who_Were_at_Work_in_England,_Scotland_and_Ireland_from_1641_to_1667/Field_(John)&oldid=6932046. Acesso em 9 de janeiro de 2026.

⁴⁷ *Esperança de Israel*, Beinecke, Bg20n 650, p. [128]. “Rossi. Rodriguez a pag. 565 dà il Menassè ben Israel per autore dell’apologia. Noi pure siamo dello stesso parere ed aggiungiamo che ci para stampata in Amsterdam, no assendo Londra che un mezzo per non destar[e] il soggetto”.

⁴⁸ Giovanni Bernardo De Rossi. *Dizionario Storico degli Autori Ebrei e Delle Loro Opere*. Parma: Dalle Reale Stamperia, 1802, v. 2, p. 56; Joseph Rodriguez de Castro. *Biblioteca Española*, op. cit. p. 565.

⁴⁹ Díaz Estebán, “*La Apología por la Noble nación de los judíos*, de Eduardo Nicholas (1649)”, op. cit. pp. 260-262.

⁵⁰ Não temos como desenvolver esses aspectos, por questões de tamanho e do escopo do artigo, mas as citações bíblicas de *Apology* seguem a Bíblia de Genebra, puritana, e as da *Apologia* seguem as da *Bíblia en lengua española*, versão da Bíblia de Ferrara editada por Menasseh. Entretanto, *Apology* cita versículos do Novo Testamento, não presentes na Bíblia hebraica, e *Apologia* faz uma tradução literal a partir do inglês. Além disso, em uma passagem, pelo menos, em um versículo não identificado pelo número, só por capítulo e livro citado em *Apology*, *Apologia* cita uma outra passagem, que inclusive não coaduna plenamente com o sentido do texto. Nesse sentido, o fato de usar a *Bíblia* que Menasseh editou, de maneira intensa e como forma de buscar soluções, é um indício do tradutor ser mesmo o rabino.

imprint traduzido em *Apologia*, comentada anteriormente e que voltaremos a seguir.

Imprints falsos ou pouco informativos eram comuns em literatura sediciosa ou interdita, para evitar complicações judiciais ou punições. Ainda que o tema de *Apologia* — a saber, vantagens espirituais e econômicas da readmissão dos judeus na Inglaterra — pudesse, talvez, incomodar as autoridades holandesas — ainda que não necessariamente as autoridades judeu-portuguesas —, não constituiria propriamente um texto de polêmica ou controvérsia judaico-cristã nem incorreria em heterodoxia no judaísmo (*Esperança*, como já comentamos, talvez fosse mais propícia a incorrer nisso do que *Apologia*). Tal qual *Spes*, parece-nos que a ausência de um *imprint* neerlandês indicava que aquele não era necessariamente um impresso para ser vendido como panfleto, ao contrário do original inglês. Isso reforça a ideia de que a encadernação com *Esperança*, como no R.3768 da BNE e em outros exemplares, não foi por acaso ou por uma eleição de algum proprietário ao longo da história custodial. Ao que tudo indica, a obra foi impressa junto à *Esperança* de Soeiro Ben Israel.



Figura 9 – Folhas de rosto de *Esperança* (R.3768/1), *Spes* (KB 1650) e *Apologia* (R.3768/2), com destaque para as letras e ornamentos.

É possível confirmar, pela comparação tipográfica entre *Apologia*, *Spes* e *Esperança* de Ben Israel Soeiro, que o panfleto anônimo saiu da mesma prensa que os outros dois. Como se vê na Figura 9, o “A” de “ESPERANÇA” é o mesmo de “APOLOGIA”. Além disso, o ornamento da folha de rosto usa, ainda que com uma disposição ligeiramente diversa, os mesmos blocos tipográficos para montar

uma vinheta similar. Mas saindo dos elementos tipográficos da folha de rosto, a observação do papel pode nos dar outras pistas. Por mais que não tenha sido possível examinar com detalhe as marcas d'água, os dois oitavos do códice R.3768 foram impressos sobre papel semelhante, apresentando pontusais — as marcas da tela sobre a qual se produzia o papel — com a mesma distância (2,2 cm). A edição de *Esperança* de Ravenstein, do códice R.12833, utiliza um papel escuro, mais fino, aparentemente de gramatura inferior e com pontusais mais distantes (2,3 cm). Os dois oitavos encadernados juntos não só saíram da mesma prensa, mas também foram impressos com o mesmo lote de papel, o que reforça a hipótese de terem sido pensados como parte de uma mesma iniciativa editorial. Em outras palavras, o volume da BNE e o das outras bibliotecas não só reproduziam uma recepção conjunta dos impressos por parte dos leitores, mas refletiam uma intenção de seus produtores de que fossem consumidos juntos.

Essa composição conjunta foi repetida em outras edições do século XVII. Em Esmirna, então parte do Império Otomano, o converso Abrahão Gabbai montou a primeira imprensa judaica e, em 1659, publicou seu primeiro impresso em espanhol: a *Esperança* acompanhada de *Apologia*.⁵¹ Os poucos exemplares sobreviventes estão ainda encadernados juntos, como o do Hebrew Union College, que consultamos digitalmente.⁵² A impressão de Gabbai busca emular o *mise-en-page* da edição dos Ben Israel, indicando ser uma reedição, remetendo inclusive ao local indicado no *imprint* original: “En Amsterdam y de nuevo em Smirna”, “Impressa em casa de Juan Field en Londres [...] Y de nuevo impressa em Smirna”. Os cadernos seguem a lógica de colação no qual os paratextos têm assinaturas diferentes (ainda que a montagem dos cadernos obedeça à outra proporção)⁵³; na edição de Esmirna, porém, o primeiro caderno tem assinatura, que aparece somente na segunda folha (A2), oculta na folha de rosto como usual, mas a contagem é reiniciada com a “Relación” (A1) e segue com “Libro intitulado Esperança de Israel”, como na edição de Amsterdã. *Apologia* reinicia, mais uma vez, a contagem dos cadernos, com assinatura A, mas por ser a letra do mesmo tamanho que a do corpo do texto de *Esperança*, a edição de Esmirna precisou de dois cadernos para dar conta de tudo, diferente do que ocorreu na edição de Amsterdã. Gabbai, entretanto, colocou uma série de outros paratextos na sua edição. No caderno dos preliminares, adicionou um soneto, uma elegia e uma carta ao leitor dele como editor, afirmando a importância de Menasseh e suas ligações pessoais com o rabino que justificariam a reedição. Nos dois

⁵¹ Eleazar Gutwirth. “Pluma/Espuma: Four Sonnets in a Unicum from Ottoman Smyrna (1659) and their Historical Context”. *Meldar: Revista internacional de estudios sefardíes*, 3 (2022), pp. 9-37. Disponível em: <https://doi.org/10.46661/meldar.6547>. Acesso em 9 de janeiro de 2026.

⁵² Menasseh Ben Israel. *Miqveh Israel esto es, Esperança de Israel/Apologia por la noble nacion de los judios*. Esmirna: impressa en la estampa del Caf Na hat, 5419 [1659]. [loc. RBR E 170]. Disponível em: <https://mss.huc.edu/portfolio/rbr-e-170/>. Acesso em 9 de janeiro de 2026.

⁵³ Apesar de terem também cerca de 15 cm de altura, os cadernos de Esmirna têm seis folhas (ⁿA⁶, A-H⁶, ^xA-B⁶), ao contrário dos oitavos de Amsterdã (ⁿ8, A-H⁸, ^xA⁸).

cadernos de *Apologia*, inseriu ao fim dois sonetos em louvor do “Ilustre Menasseh Ben Israel”.⁵⁴ Esse soneto, para além de um paratexto em si, é uma marca gráfica e de leitura que afirma *Apologia* como parte de *Esperança*.



Figura 10 – Folha de rosto da edição de *Esperança* impressa em Esmirna, existente no Hebrew Union College (RBR E 170).

Se a colação dos cadernos com assinaturas em separado, pela visão de Chartier, já reforçaria a lógica gráfica de assumirmos a ligação material de *Apologia* com *Esperança*, a impressão dos sonetos no verso da última página demonstra que, à época, se lia *Apologia* como um elemento paratextual de *Esperança*, assim como os próprios sonetos. Queremos aqui enfatizar a importância de observarmos a dimensão textual e material em conjunto ao vermos um documento, pois a análise das práticas gráficas em si tem limites para se pensar a paratextualidade. A distinção material entre cadernos para definir os paratextos (ou preliminares, como prefere Chartier) mostra-se com poucos rendimentos ao mudarmos das práticas gráficas empregadas pelos Ben Israel (e emuladas por Gabbai) para uma edição realizada por um impressor neerlandês, sem aparente contato com as prensas judaico-portuguesas ou ibéricas.

⁵⁴Eduardo Nicholas. *Apologia por la noble nacion de los Iudios y hijos de Israel*. Esmirna: [s. n.], 1649[1659], p. 24.

Em 1666, o livreiro de Amsterdã Jozua Rex publica *De Hoop van Israël* junto com *Verantwoordig voor de Edele Volchen des Jooden*,⁵⁵ traduções em holandês de *Esperança* e *Apologia*, respectivamente. O texto em holandês e o emprego de tipos góticos no corpo do texto, misturado a alguns destaques em romano, fazem-nos crer que aproveitava a onda messiânica por conta de Sabbatai Tzvi, autointitulado messias judeu, mas sobretudo que esperava ter retornos entre leitores protestantes pelo fervor escatológico causado pela data que remetia ao 666 do Apocalipse. Embora não haja número de páginas nos paratextos de *De Hoop*, começando a paginação no “Verhael” (Relato) de Montesinos, como em *Esperança*, e reinicie a paginação em *Verantwoordig* (*Apologia*), os cadernos são assinados sequencialmente. A assinatura dos cadernos vai de A a G desde a folha de rosto e preliminares até o *Verantwoordig*, demonstrando que todos os elementos paratextuais e textuais foram concebidos graficamente para serem produzidos conjuntamente. Como Ann Blair já apontara,⁵⁶ a hipótese de Chartier dos elementos preliminares como traduzindo uma prática temporal da produção dos impressos não se aplica necessariamente a outros fazeres do Norte da Europa. Mas menos do que um problema, isso só confirma nossa hipótese. A colação, a partir de uma outra lógica tipográfica, comprova, mais uma vez, que *Apologia* (ou *Verantwoordig*) era um paratexto de *Esperança* (ou *De Hoop*).

Demonstrado isso, voltemos às comparações feitas para retomar o problema dos destinatários e da intenção de Menasseh com as edições e versões de *Esperança*. A mais estudada pela historiografia e evidente é a entre *Esperança* e *Spes*. As diferenças entre ambos fizeram Benjamin Braude propor que, embora fossem versões do mesmo texto, seus efeitos pretendidos e, mais, suas mensagens miravam para posições opostas. Pelas mudanças na tradução e, sobretudo, das dedicatórias, *Spes* já buscava a readmissão dos judeus na Inglaterra, perseguida por Menasseh e seu grupo familiar de maneira aberta a partir de 1651, culminando com sua ida, em 1655, para Londres para pleitear a causa junto a Cromwell.⁵⁷ A mensagem messiânica em torno da descoberta das Tribos Perdidas em *Spes* seria outra daquela mais restrita ao mundo dos “judeus novos” e de cristãos-novos, presente em *Esperança*. Entretanto, essa distinção somente entre a versão em espanhol e em latim talvez precise ser revista. E não só por haver duas edições de *Esperança*.

O fato de *Apologia* servir de paratexto de uma das edições de *Esperança* muda o sentido da mensagem daqueles exemplares, fazendo-o se aproximar do de *Spes*. *Esperança* com *Apologia* como posfácio iria ao encontro da movimentação de milenaristas filojudaicos pela readmissão dos judeus na Inglaterra. Porém, não poderia ser direcionada para os letrados e religiosos

⁵⁵ Menasseh ben Israel. *De hoop van Israël/Verantwoordig voor de Edele Volchen des Jooden*. Amsterdã: Voor Jozua Rex, boeck-binder, op de Cingel, recht over de Appelen-marrickt, 1666.

⁵⁶ Ann Blair. *L'entour du texte: la publication du livre savant à la Renaissance*. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2021.

⁵⁷ Steven Nadler. *Menasseh Ben Israel*, op. cit. p. 174.

ingleses, que não liam, em sua grande maioria, espanhol, e sim para os “judeus novos”, dizendo que a aposta na Inglaterra como mais um porto seguro para a “gente de nação” era algo viável política, econômica e profeticamente. Se essa interpretação parece dar mais força à hipótese de que Menasseh escreveu mesmo *Esperança* já como parte de sua campanha pela readmissão, fica a questão de qual seria o sentido da edição de Ravenstein. Qual seria seu destinatário? Qual seria a intenção de Menasseh com essa outra impressão?

Lembrando que, em 1647, Ravenstein publicou *Historia della desunione del Regno di Portugalle*, e que, três anos depois, no mesmo ano de *Esperança*, Ben Israel Soeiro editou a *Summa Politica*, em latim e português, talvez possamos pensar que essas casas livresas tinham também um outro público. Além de terem elementos que demonstram a colaboração das duas oficinas, *Historia della desunione* e *Summa* foram impressas como parte da campanha de apoio à causa restauracionista. Nesse sentido, a *Esperança* de Ravenstein faria parte de catálogos de livreiros que miravam também os joanistas e seus apoiadores, retomando as esperanças que Menasseh expressara com a ascensão de João IV, em 1641, na epístola dedicatória da segunda parte do *Conciliador*, impressa por Ravenstein.⁵⁸ Essa edição de *Esperança* poderia ser aquela que, se lida por Vieira, teria impactado no “Esperanças de Portugal”, como defendeu Antônio José Saraiva.⁵⁹ Lida ou não pelo jesuíta, parece-nos que foi estampada para potencialmente circular entre um público mais amplo do que aquele da *Esperança* com *Apologia*. Se *Esperança* de Ben Israel Soeiro seria tomado como um livro olhando para a Inglaterra como espaço a receber os judeus da nação portuguesa, *Esperança* de Ravenstein poderia ser lido como mirando o Portugal Restaurado em sentido similar, porém, havendo entre seus leitores aqueles que entendiam aquilo como sua terra. Um talvez, voltado para leitores “judeus novos”; outro, para cristãos-novos e cristãos-velhos que viam a Restauração por lentes proféticas, como Vieira.

Independentemente de podermos comprovar quais os leitores de *Esperança* e *Apologia*, parece-nos que cada exemplar — cada edição, encadernada desta ou daquela forma — compunha documentos que respondiam a propósitos e públicos diversos e, por consequência, indica intenções e sentidos diversos, para usar os termos de Quentin Skinner.⁶⁰ Defendemos, assim, que a

⁵⁸ Menasseh Ben Israel. *Segunda parte del Conciliador o De la conviniencia de los lugares de la S. Escritura, que repugnantes entre si parecen*. Amsterdã: En casa de Nicolaus de Ravesteyn, 5401[1641], s.p. [sig. *4v].

⁵⁹ Antônio José Saraiva. “Antônio Vieira, Menasseh ben Israel e o Quinto Império” In: *História e utopia*. Lisboa: ICALP, 1992, pp. 75-107. Cf. Antônio Vítor Sanches Ferreira Ribeiro. “O império de um profeta sereno: ensaio de decifração do pensamento do padre Antônio Vieira”. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 16 (2016), pp. 168-171, 178-179. Disponível em: https://doi.org/10.14195/1645-2259_16_8. Acesso em 27 de novembro de 2025.

⁶⁰ Quentin Skinner. “Meaning and Understanding in the History of Ideas”. In: *Visions of Politics: Volume I – Regarding Method*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, pp. 57-89.

análise do contexto linguístico também deve ser acompanhado da análise do contexto bibliográfico-material, no qual a paratextualidade ocupa papel central. *Apologia* desempenha um valor paratextual não só como “manifestação” de um paratexto, definida posteriormente pelo analista, como propõe Genette. Foi pensada materialmente como elemento liminar de *Esperança*. Assim, observar os exemplares das edições de *Esperança* e de *Apologia* como documentos ilumina questões de produção, circulação e recepção dos impressos de Menasseh e de sua oficina, dirimindo questões que o exame exclusivo por meio da história intelectual, fincada em textos e autores, não dá conta. Nesse sentido, advogamos que considerar a paratextualidade em *Esperança* e *Apologia* (bem como *Spes*) indica que Menasseh Ben Israel e os demais agentes envolvidos na produção desses impressos miravam não só diferentes públicos por conta da tradução, mas também supunham circuitos de consumo diversos dados nas opções editoriais, cujas dinâmicas implicavam versões diferentes de um mesmo projeto. Essas versões não eram somente de ordem teológico-política, mas também supunham a busca de mais redes de apoio e manutenção para a casa dos Ben Israel e de membros da comunidade judaica de Amsterdã, bem como obedeciam a lógicas da produção do impresso. Isso significou identificar e estudar não só vários exemplares em busca de diferenças tipográficas, mas pensar os exemplares como documento para poder entendê-los como textos, livros ou obras diferentes.⁶¹ Mas para além do caso específico analisado, pretendemos com este artigo demonstrar o rendimento de se observar os paratextos para além de sua definição classificatória que se restringe a pensá-los como elementos ou partes de uma estrutura formal ou linguística chamada livro. Se observarmos os livros como artefatos em sua materialidade, como documentos de uma época, o exame da paratextualidade pode ser uma estratégia analítica importante que permite pensar as dinâmicas sociais de produção, circulação e recepção dos textos e paratextos, além de contribuir para a discussão de problemas da história intelectual, pois sem olharmos para a paratextualidade, não conseguimos remontar o contexto, seja linguístico, seja extralinguístico.⁶²

Referências

- ALBUQUERQUE, Martim de. “Para uma teoria política do Barroco em Portugal. A *Summa Política* de Sebastião César de Meneses (1649-1650)”. *Revista de História*, 4 (1981), pp. 63-102. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6531.pdf>. Acesso em 9 de janeiro de 2026.
- ARAÚJO, André de Melo; DORÉ, Andréa; LIMA, Luís Filipe Silvério; HADDAD, Thomás, CALSONI LIMA, Verônica. “Paratextos e Paratextualidade na Época Moderna: Limiares,

⁶¹ Discutimos as implicações dessas nomenclaturas no artigo coletivo mencionado no qual estamos fundamentando nossa metodologia de análise paratextual: André de Melo Araújo, Andréa Doré, Luís Filipe Silvério Lima, Thomás Haddad e Verônica Calsoni Lima. “Paratextos e Paratextualidade na Época Moderna”, *op. cit.* p. 25-26.

⁶² Quentin Skinner, “Meaning and Understanding”, *op. cit.*

- Funções e Transformações". *Anais do Museu Paulista*, 38 (2025). Disponível em: <https://doi.org/10.11606/1982-02672025v33e43>. Acesso em 25 de novembro de 2025.
- AVOGADRO, Giovanni Battista Birago. *Historia della disunione del Regno di Portogallo*. Amsterdã: Apresso Niculau van Ravesteyn, 1647.
- BEN ISRAEL, Menasseh. *De hoop van Israël/Verantwoordig voor de Edele Volchen des Jooden*. Amsterdã: Voor Jozua Rex, boeck-binder, op de Cingel, recht over de Appelen-marrickt, 1666.
- BEN ISRAEL, Menasseh. *Miqveh Israel, esto es, Esperança de Israel*. Amsterdã: En la impresion de Semuel Ben Israel Soeiro, Año 5410 [i.e., 1650].
- BEN ISRAEL, Menasseh. *Segunda parte del Conciliador o De la conviniencia de los lugares de la S. Escritura, que repugnantes entre si parecen*. Amsterdã: En casa de Nicolaus de Ravesteyn, 5401 [1641].
- BEN ISRAEL, Menasseh. *Miqveh Israel esto es, Esperança de Israel/Apologia por la noble nacion de los judios*. Esmirna: impressa en la estampa del Caf Na hat, 5419 [1659].
- Biblia en lengua espanola traduzida palabra por palabra de la verdad Hebrayca, por muy excelentes letrados. Vista y examinada a perel officio de la inquisición*. Amsterdam: impressesadorie [sic] de Gillis Ioost, 5606 [sic] 1646.
- BLAIR, Ann. *L'entour du texte: la publication du livre savant à la Renaissance*. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2021.
- BRAUDE, Benjamin. "Les contes persans de Menasseh Ben Israël: polémique, apologétique et dissimulation à Amsterdam au XVIIe siècle". In: *Annales*, 49, 5 (1994), pp. 1107-1138.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Unesp, 2014.
- DE ROSSI, Giovanni Bernardo. *Dizionario Storico degli Autori Ebrei e Delle Loro Opere*. Parma: Dalle Reale Stamperia, 1802, v. 2.
- DEN BOER, Harm. "La Recepción de Ediciones Sefardíes en España y Portugal". In: LECHNER, Jan; DEN BOER, Harm (orgs.). *Diálogos Hispánicos: España y Holanda. Ponencias leídas durante el Quinto Coloquio Hispanoholandés de Historiadores*. Amsterdam-Atlanta: Rodopi, 1995, pp. 215-228.
- DEN BOER, Harm. "Spanish and Portuguese Editions from the Northern Netherlands in Madrid and Lisbon Public Collections, II, 2". *Studia Rosenthaliana*, 23-2 (1989).
- DÍAZ ESTEBÁN, Fernando. "La Apología por la Noble nación de los judíos, de Eduardo Nicholas (1649)". *Sefarad*, 59, 2 (1999), pp. 251-262.
- FUKS, Lajb; FUKS-MANSFIELD, Renate G. *Hebrew Typography in the Northern Netherlands*. Leiden: Brill, 1984.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Cotia, SP: Ateliê, 2009.
- GUTWIRTH, Eleazar. "Pluma/Espuma: Four Sonnets in a Unicum from Ottoman Smyrna (1659) and their Historical Context". *Meldar: Revista internacional de estudios sefardíes*, 3 (2022), pp. 9-37. Disponível em: <https://doi.org/10.46661/meldar.6547>. Acesso em 9 de janeiro de 2026.
- HESSAYON, Ariel Hessayon. "Jews and crypto-Jews in sixteenth and seventeenth century England". *Cromohs*, 16 (2011). Disponível em: http://www.cromohs.unifi.it/16_2011/hessayon_jews.html. Acesso em 9 de janeiro de 2026.
- KAPLAN, Yosef. "Wayward New Christians and Stubborn New Jews: The Shaping of a Jewish Identity". *Jewish History*, 8, 1-2 (1994).
- LIMA, Luís Filipe Silvério, "A questão da autoria". In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes (org.). *Modernos em curso*. Niterói: EDUFF, 2022, pp. 95-155.
- LIMA, Luís Filipe Silvério, "Aproximações para uma história do conceito de Esperança nas expectativas milenaristas do século XVII". *O que nos faz pensar*, 26, 41 (2017).
- LIMA, Luís Filipe Silvério. "Prophetical hopes, New World experiences and imperial expectations: Menasseh Ben Israel, Antônio Vieira, Fifth-Monarchy Men, and the millenarian connections in the seventeenth-century Atlantic". In: *Anais de História de Além-mar*, XVII (2016), pp. 367-378.

- MENEZES, Sebastião Cesar. *Summa politica; offerecida ão principe D. Theodosio de Portugal*. Amsterdã: Na tipographia de Simão Dias Soeiro Lusitano, 1650.
- MUNSTERBERG, Margaret. "Notes on Rare Books: *Apologia por la noble nación de los judios*, London, 1649". *The Boston Public Library Quarterly*, VI, 4 (1954), pp. 235-241.
- NADLER, Steven. *Menasseh ben Israel Rabbi of Amsterdam*. New Haven: Yale University Press, 2018.
- NICHOLAS, Eduardo. *Apologia por la noble nacion de los IVDIOS y hijos de Israel*. Londres [Amsterdã]: En casa de Juan Field [sic], 1649.
- NICHOLAS, Edward. *An Apology for the Honorable Nations of the JEVVS, And all the Sons of Israel*. Londres: Printed by John Field, 1648 [i.e., 1649].
- PLOMER, Henry, *A Dictionary of the Booksellers and Printers who Were at Work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. Disponível em: https://en.wikisource.org/w/index.php?title=A_Dictionary_of_the_Booksellers_and_Printers_who_Were_at_Work_in_England,_Scotland_and_Ireland_from_1641_to_1667/. Acesso em 9 de janeiro de 2026.
- POPKIN, Richard. "The rise and fall of the Jewish Indian Theory". In: KAPLAN, Yosef; MÉCHOULAN, Henry. POPKIN, Richard (orgs.). *Menasseh Ben Israel and his world*. Leiden: Brill, 1989, pp. 63-82.
- RAUSCHENBACH, Sina. "Mediating Jewish Knowledge: Menasseh ben Israel and the Christian Respublica litteraria". *The Jewish Quarterly Review*, 102, 4 (2012), pp. 561-588.
- RAUSCHENBACH, Sina. *Judaism for Christians. Menasseh Ben Israel (1604-1657)*. Londres: Lexington Books, 2019.
- RIBEIRO, António Vítor Sanches Ferreira. "O império de um profeta sereno: ensaio de decifração do pensamento do padre António Vieira". *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 16 (2016), pp. 163-187. Disponível em: https://doi.org/10.14195/1645-2259_16_8. Acesso em 27 de novembro de 2025.
- RODRIGUEZ DE CASTRO, Joseph. *Biblioteca Española. Tomo I, que contiene la noticia de los escritores rabinos españoles...* Madri: En la Imprenta de la Gazeta, 1781.
- SARAIVA, António José. "António Vieira, Menasseh ben Israel e o Quinto Império". In: *História e utopia*. Lisboa: ICALP, 1992, pp. 75-107.
- SCHORSCH, Ismar. "From Messianism to Realpolitik: Menasseh Ben Israel and the Readmission of the Jews to England". In: *Proceedings of the American Academy for Jewish Research*, 45 (1978), pp. 187-208.
- SEGEV, Ran. "Sephardic Conquistadores in a New World: Menashe ben Israel on the 'Rediscovery' of the Lost Tribes". *Journal for Early Modern Cultural Studies*, 18 (2018), pp. 124-150.
- SKINNER, Quentin. "Meaning and Understanding in the History of Ideas". In: *Visions of Politics: Volume I – Regarding Method*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, pp. 57-89.
- STURGIS, Amy. "Prophecies and Politics: Millenarians, Rabbis, and the Jewish Indian Theory". *The Seventeenth Century*, 14, 1 (1999), pp. 15-23.
- THOROWGOOD, Thomas. *Jewes in America...* Londres: Printed by W.H. for Tho. Slater, 1650.
- TOON, Peter. "The question of Jewish Immigration". In: TOON, Peter (org.). *Puritans, the Millennium and the future of Israel*. Cambridge: James Clark, 2002 [1970], pp. 115-125.
- WILKINSON, Alexander S.; LORENZO, A. Ulla. *Iberian Books, 1601-1650*. Leiden: Brill, 2015.
- WISCHNITZER, Rachel. "Ezra Stiles and the Portrait of Menasseh Ben Israel". *American Jewish Historical Quarterly*, 51, 2 (1961).
- ZELL, Michael Zell. *Reframing Rembrandt. Jews and the Christian Image in Seventeenth-Century Amsterdam*. Los Angeles: University of California Press, 2002.

Contribuição recebida em: 28 de agosto de 2025.

Aprovada em: 26 de outubro de 2025.